

# Pragmatismo, Pós-hegelialismo e Essencialismo

Rodrigo Ornelas\*

## Introdução

Na história recente da filosofia, um movimento, ou melhor, uma corrente de pensamento, ganhou espaço e significativa importância acadêmica: o Pragmatismo. Dentro desse grupo de filósofos, Richard Rorty, também representante do neo-pragmatismo, obteve destaque e notoriedade após publicar *A Filosofia e o Espelho da Natureza*, em 1979, e despertar a atenção e o debate com Jürgen Habermas. Uma das características do trabalho crítico de Rorty, como coloca José Crisóstomo de Souza, é o abandono do modo metafísico, da filosofia antiga, e da epistemologia, da filosofia moderna<sup>1</sup>. Dessa maneira, Rorty pretende abandonar também a idéia de essência e com ela a idéia tradicional de verdade. Essa é a configuração “anti-platônica” abordada por Rorty em *Contingência, ironia e solidariedade* (1989). Ele acredita que o essencialismo é nocivo para a cultura liberal e é nessa obra que ele expõe as suas formas de ver o problema, junto às idéias de muitos outros autores; uns em oposição a ele, outros em concordância.

Qualquer das idéias ou críticas filosóficas que, concordando com Rorty, se caracterizam como anti-essencialistas têm, aparentemente, início na fase posterior a Hegel, nas diversas críticas conhecidas à tradição e à Modernidade. Nietzsche, como aponta o próprio Rorty, é um desses grandes críticos (e normalmente o mais conhecido) da

---

\*. Aluno do Mestrado em Filosofia da Universidade Federal da Bahia.

1. “Introdução aos debates Rorty & Habermas: Filosofia, pragmatismo e democracia”. In: SOUZA, J. Crisóstomo de (Org.) *Filosofia, racionalidade, democracia: Os debates Rorty & Habermas*. São Paulo: UNESP, 2005, p. 14.

filosofia canônica. Mas, ainda antes, na filosofia imediatamente pós-Hegel, na chamada “esquerda hegeliana”, essa crítica já começa a aparecer e, entre esses críticos da Modernidade que ali estavam (os “jovens hegelianos”), mais ainda, um pensador deve ter o devido destaque num “projeto anti-essencialista”: Max Stirner, autor de *O Único e sua Propriedade* (1845). Sua crítica ultrapassava as abordagens contemporâneas e era algo ainda muito novo na filosofia ocidental.

A proposta aqui, porém, não é bem a de uma comparação, talvez até mais uma relação (indireta), entre Rorty e Stirner, mas situar a discussão anti-essencialista na filosofia pós-hegeliana segundo esses dois autores; e seus respectivos contextos filosóficos (o pragmatismo e o movimento jovem hegeliano).

## **A crítica na esquerda hegeliana**

Após a morte de Hegel, e em reação à interpretação conservadora da sua obra, surge na Alemanha, formado, principalmente, por Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stirner (pseudônimo de Johann Caspar Schmidt), e também por David Strauss, Karl Marx e Friedrich Engels, o grupo conhecido como Hegelianos de Esquerda. Esses jovens pensadores deram uma nova interpretação à filosofia de Hegel, uma interpretação revolucionária em oposição àquela dada (e utilizada) pela aristocracia acadêmica alemã e pelos partidários de Frederico Guilherme III. Eram críticos da Modernidade, da filosofia tradicional e do regime prussiano.

No terceiro capítulo do seu *O discurso filosófico da modernidade*, Habermas chama atenção para o papel crítico desse movimento (ao lado da filosofia nietzschiana):

(...) os jovens hegelianos queriam substituir o presente aberto ao futuro ao ditame da razão pretensiosamente onisciente e, a fim de responder à

crise, queriam reconquistar a história como dimensão que possibilita uma margem de ação para a crítica.(...) A crítica dos hegelianos de esquerda, voltada para a prática e atenta à revolução, quer mobilizar o potencial de razão historicamente acumulado, que aguarda ser liberado, contra a mutilação da razão, contra a racionalização unilateral do mundo burguês”.<sup>2</sup>

Assim, uma nova intelectualidade se formou na Alemanha em meados do século XIX, investindo inicialmente contra a religião tradicional nos textos de David Strauss, Bruno Bauer e Ludwig Feuerbach.

Com seu livro *A Vida de Jesus* (1840), Strauss criticou as narrativas bíblicas sobre Jesus como criações sobrenaturais, não-históricas, e influenciou, entre seus contemporâneos, uma forte oposição à religião revelada. Bruno Bauer atacou o Evangelho como mitologia fabricada pelos evangelistas; Feuerbach declarou que “a essência do homem é o ser supremo (e) o homem é o Deus do homem”; Marx, mais tarde, adicionou ao materialismo feuerbachiano a dialética (historicismo), e voltou sua preocupação para a luta de classes e para uma revolução social. Todos, críticos da Modernidade, partindo de um modo hegeliano, mas tentando um distanciamento da metafísica e uma preocupação mais prática.

Porém, em meio a essa efervescência político-intelectual, Max Stirner afastou-se um pouco mais dos seus contemporâneos. Sustentando uma posição ainda mais radical, sua crítica terminou por estender-se aos próprios companheiros jovens hegelianos. Stirner adota um discurso “pós-moderno” (no sentido de pós-metafísico), combatendo idéias como as de “verdade” (absoluta) e de “essência”. Ele faz uma filosofia que critica a distinção entre aparência e realidade, seja esta Deus (como queriam os medievais e a filosofia criticada por Bauer e Feuerbach) ou “O Homem” (como queriam os seus contemporâneos).

---

2. “Três perspectivas: hegelianos de esquerda, hegelianos de direita e Nietzsche”. In: HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*, São Paulo: MartinsFontes, 2000, p. 80.

Logo no começo da primeira parte de *O Único e sua Propriedade*, Stirner deixa claro sua posição completamente anti-essencialista e sua oposição a Feuerbach:

Ao Deus que é espírito chama Feuerbach “a nossa essência” (...) O ser supremo é, na verdade, a essência do homem, mas é-o precisamente por ser a sua essência, e não ele próprio; por isso é perfeitamente indiferente vê-lo fora dele como “Deus” ou querer encontrá-lo nele e chamar-lhe “essência do homem” ou “homem”.<sup>3</sup>

Seguindo um pouco o texto, Stirner conclui o parágrafo referindo-se à substituição que Feuerbach faz de Deus pelo homem como a “mudança da morada divina do espírito, de armas e bagagens, cá para baixo, sua morada terrena”<sup>4</sup>. Ele, por sua vez, quer superar não só o “além fora de nós” (*Jenseits außer Uns*), em Deus, como também o “além em nós” (*Jenseits in Uns*), no “homem”.

Com essa posição mais afastada e radical, ele colecionou críticas de todos os lados; o próprio Marx dedicou um escrito, quase tão longo quanto *O Único*, à crítica a Stirner, intitulado *Sankt Max* (São Max), que, apesar de nunca ter sido publicado por Marx (só viria a público em 1903, como parte da *Ideologia alemã*), é uma das mais conhecidas e importantes referências à obra de Stirner. Depois da sua morte, em 1856, Stirner foi parcialmente esquecido, e os ecos das suas idéias só foram ouvidos anos mais tarde, em posições parecidas com as suas, nos textos de Nietzsche e Dostoievski, por exemplo, e em referências feitas por Albert Camus (*O Homem Revoltado*) e Jacques Derrida (*Espectros de Marx*).

Porém, não é estranho perceber a proximidade das reivindicações práticas, historicistas e não-metafísicas dos jovens hegelianos, com as posições do pragmatismo norte-americano, de Pierce, James e

---

3. Max Stirner, *O Único e sua Propriedade*, p. 34.

4. *Ibidem*, p. 35.

Dewey, como perspectivas pós-hegelianas; e, ainda, é de se notar, particularmente, a proximidade de aspectos da filosofia de Stirner com o pragmatismo norte-americano de Richard Rorty. Esse ponto em comum é exatamente o abandono radical das noções de essência e verdade; é um afastamento da tradição metafísica (platônica) da filosofia. “Para os pragmatistas, não existe uma coisa como a natureza intrínseca, a essência de X” diz Rorty.<sup>5</sup>

## A crítica Rortyana

Quando Rorty fala que o desejo, de Hegel, de “parar de se esforçar pela eternidade e ser apenas um filho do seu tempo” era o que melhor respondia às suas “desilusões com Platão”<sup>6</sup>, ele mostra sua tendência opositiva à tradição. Hegel, em sua filosofia dialética, historicista, dá base à idéia rortyana de contingência, transitoriedade, ironismo e, sobretudo, ao seu contextualismo. O que quer Rorty é o afastamento da metafísica tradicional, platônico-kantiana. Em sua defesa da democracia e da cultura liberal, ele abandona noções universalistas e essencialistas, como a de verdade, em favor de noções pragmáticas e contingenciais, como a de justificação:

Uma diferença entre a verdade e a justificação é aquela entre o irreconhecível e o reconhecível.(...) [a verdade] é demasiado sublime, digamos assim, para ser reconhecida ou visada. A justificação é apenas bela, mas é reconhecível, portanto, capaz de ser sistematicamente buscada. Algumas vezes, com sorte, a justificação é até mesmo alcançada. Mas esse resultado é, em geral, apenas temporário, pois mais cedo ou mais tarde, novas objeções à crença temporariamente justificada serão desenvolvidas.(...) Assim, penso que o tópico “verdade” não se pode

5. Richard Rorty, “Pragmatismo”. In: *Dicionário do pensamento contemporâneo*. Direção de Manuel Maria Carrilho. D. Quixote – Lisboa – 1991, p. 266.

6. Idem, “Trosky e as orquídeas selvagens”. In: MAGRO, C., PEREIRA, A. C. (Orgs.) *Pragmatismo: a filosofia da criação e da mudança*. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 160.

tornar relevante para a política democrática, e que os filósofos dedicados a essa política deveriam pretender-se ao tópico “justificação”.<sup>7</sup>

Rorty entende que a filosofia deve se aproximar da política (não o contrário, que é diferente), e na comunidade liberal – onde se entende por liberal a redução da crueldade, a “possibilidade de governo pelo consentimento dos governados” e a existência no máximo possível de “comunicação sem dominação”<sup>8</sup> –, nesse tipo de sociedade, não cabem as descrições metafísicas tradicionais. Na sua “utopia social”, a “humanidade” ou a “moral” não podem ter uma “natureza superior” e exterior a nós. As pessoas nessa sociedade devem ter noção da contingência da sua linguagem e da sua moral, e entender que tudo isso é fruto de um processo histórico e constantemente modificado, de acordo com nossas exigências atuais e locais. Aí surge a figura do ironista liberal, em oposição ao metafísico liberal: “Um [o metafísico liberal] acha que a tarefa do intelectual é preservar e defender o liberalismo, respaldando-o com proposições verdadeiras sobre grandes temas, mas o outro [o ironista liberal] acha que essa tarefa é aumentar nossa habilidade de reconhecer e descrever os diferentes tipo de pequenas coisas em que os indivíduos ou as comunidades centram suas fantasias e sua vida”.<sup>9</sup>

O vocabulário platônico-kantiano engendra valores pouco úteis para democracia e a sociedade liberal. Para a filosofia anterior a Nietzsche, há uma “marca” comum a toda humanidade, algo metafísico, a saber, a realidade, a essência, a natureza intrínseca das coisas, e deveria ser nossa meta conhecer, ou pelo menos ao máximo nos aproximar dessa “coisa” (que seria “em si” mesma e não “humanamente” criada).

---

7. Idem, “Verdade, universalidade e política democrática (justificação, contexto, racionalidade e pragmatismo)”. In: SOUZA, J. Crisóstomo de (Org.) *Filosofia, racionalidade, democracia: Os debates Rorty & Habermas*. São Paulo: UNESP, 2005, p. 106-7.

8. Idem, *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 128.

9. *Ibidem*, 165-166.

O passo pragmatista inicial, e em direção à cultura liberal, para Rorty, é abandonar essa tentativa de “conhecer a verdade” e “representar a realidade”, e tentar pensar mais na nossa auto-construção, na nossa prática política, no mundo como uma descrição de mundo, vinda de uma descrição anterior, que pode, e muito provavelmente vai, mudar-se ainda numa outra descrição; e assim por diante, num movimento histórico de acordo com as idéias de contingência, transitoriedade e contextualismo.

## Rorty, Stirner e o anti-essencialismo

Ao falar da necessidade de deixarmos de lado a filosofia metafísica tradicional, Rorty indica Nietzsche como “o primeiro a sugerir explicitamente que abandonemos a idéia de verdade”<sup>10</sup> e, junto com ela, o essencialismo da filosofia. Porém, ele também tem suas ressalvas à filosofia nietzscheana, apontando nela um tipo de “platonismo às avessas”, mostrando que, para Nietzsche, “a linha entre o poeta forte e o resto da raça humanidade tem a importância que Platão e o cristianismo atribuíram à distinção entre o humano e o animal”<sup>11</sup>. Rorty é, portanto, ainda mais radical, em certo sentido, na crítica à metafísica.

Esse “radicalismo” crítico, essa tentativa de se afastar ao máximo, ou melhor, completamente, de qualquer tipo de essencialismo, é muito próxima da de Stirner no seu debate com a esquerda hegeliana. Para Stirner a crítica de Bruno Bauer e Feuerbach à Modernidade não era completa e recaía no “erro cristão” (como um círculo vicioso) por manter ainda uma sacralidade, agora no homem: “[quando] a superação de Deus foi levada a uma vitória(...) não se reparou que ‘o homem’ tinha matado Deus para se tornar ‘o único deus nas alturas’”<sup>12</sup>.

---

10. *Ibidem*, p. 63.

11. *Ibidem*, p. 88.

12. Max Stirner, *O Único e sua Propriedade*, p. 125.

Sua posição é, então, proclamar o “reinado”, já que se vai proclamar algum a coisa, não de Deus ou do Homem, mas do “eu”. Nessa sua filosofia do “egoísmo” (assim, naturalmente, ele a chama, malgrado nossa interpretação comum do termo), Stirner tem uma preocupação extrema com a liberdade individual, e defende a noção de ser o indivíduo a sua própria causa, sentido e medida, e não Deus, ou a Humanidade, ou a Justiça, ou qualquer coisa exterior a ele; o que exigiria, então, uma filosofia da práxis, ou melhor, uma práxis na filosofia. Stirner, dessa forma, escapa de todo ranço platonista, de qualquer noção de essência e “natureza verdadeira” do mundo. Para ele, enquanto eu acreditar na verdade, não acreditarei em mim e serei um servidor, um “homem religioso”<sup>13</sup>. Em sua filosofia anti-essencialista, ele abandona os conceitos metafísicos em favor das noções de “Eu-proprietário” e “singularidade-do-próprio”, antecipando, dessa maneira, posições semelhantes às que o pragmatismo irá adotar posteriormente, como uma filosofia da particularidade, da situação e do não-fundacionismo.

Rorty não cita Stirner em nenhum momento da sua obra. Mas creio que é Stirner que é, na verdade, o dono da posição de “primeiro a sugerir explicitamente que abandonemos a idéia de verdade”, que Rorty atribui a Nietzsche; e que esses dois pensadores (Rorty e Stirner) têm uma preocupação em comum, qual seja, uma superação da metafísica. Para que a filosofia de ambos possa fluir, o primeiro passo é deixar de lado qualquer tipo de essencialismo. Acredito que Stirner foi o primeiro a conseguir; Rorty foi outro, dos poucos; e penso ainda que os dois foram os que fizeram isso de forma mais consistente e interessante na filosofia. Tanto um como o outro fizeram suas respectivas críticas de um modo que não os deixa cair no mesmo erro daqueles com quem eles dialogaram. Penso também que os dois encontraram terreno fértil em ambientes filosóficos, em certa medida, parecidos. Os Jovens

---

13. Ibidem, p. 276.

Hegelianos, assim como os Pragmatistas, queriam se afastar da filosofia contemplativa; e ambos os movimentos tiveram seus respectivos críticos mais radicais (Stirner e Rorty), que, como aqui defendo, melhor conseguiram abandonar a tradição essencialista.

## **O discurso filosófico da pós-modernidade**

É mais do que natural que pensadores como Rorty e Stirner sejam alvos freqüentes de ataques e acusações diversas; e foram. Muitos de seus respectivos contemporâneos demonstraram grande incômodo com muitas das suas posições. Entretanto, a proposta desses filósofos também despertou o interesse de muitos outros. No caso de Stirner, seu pensamento só começou a ser redescoberto, com John MacKay, após a popularização de Nietzsche (que tinha idéias, por vezes, muito semelhantes às dele) nos anos 80 do século XIX e, mais tarde, entrando “oficialmente” no “meio filosófico”, por Jacques Derrida. Já Rorty colecionou críticas quase que no mesmo “movimento” que ganhou seus simpatizantes.

Porém, não é casual a situação histórica em que preocupações do tipo “anti-essencialistas”, como as desses filósofos, chamem a atenção dos intelectuais. Após a Revolução Francesa, as revoluções de 1848, as revoluções socialistas e nacionalistas, as grandes guerras mundiais, diversas sociedades do mundo contemporâneo, ou pelo menos a maioria, pareceram querer caminhar em direção à redução de danos, aos direitos iguais, à tolerância religiosa, às preocupações ambientais e, portanto, à democracia. Essa preocupação liberal é amplamente discutida por Rorty, que também acredita ser esse o melhor tipo de sociedade hoje. Nossas atuais demandas exigem que nos voltemos para nossa cidade, nosso país, para o lugar (nosso “meio ambiente”) que estamos agora. Seria preocupante se a filosofia continuasse sendo feita de modo separado dessas coisas; filosofias transcendentais ou

exegéticas, nostálgicas para com os textos antigos. Esse modelo de filosofia num momento de interesses mais liberais deve ser cada vez mais abandonado. O próprio Rorty também demonstra uma preocupação desse tipo chegando a parecer uma espécie de “anti-filósofo”:

Nossa imaginação política não foi ampliada pela filosofia de nosso século. (...) Se algum dia tivermos a coragem de abandonar o modelo cientificista da filosofia, sem retornarmos a um desejo por sacralidade (como o fez Heidegger), então, não importando quão obscuros os tempos, não nos voltaremos mais para os filósofos em busca de ajuda, como nossos ancestrais se voltaram para os padres. Nós nos voltaremos para os poetas e os engenheiros, para as pessoas que produzem novos e surpreendentes projetos para a realização da maior felicidade para o maior número possível.<sup>14</sup>

A configuração política de um contexto histórico deve ser acompanhada pelo discurso filosófico. Esse tipo de discurso (que é um, entre muitos outros) deve ter a ver com nossas relações políticas e pessoais; e nossa configuração atual pode ser indicada pelo chamado pós-moderno (como já foi dito, no sentido de pós-metafísico).

Claro que a filosofia pode ser feita e entendida de diversos modos. Mas creio que o discurso metafísico é hoje cada vez mais obsoleto, tanto quanto foi o discurso religioso para os modernos; e o exercício de uma filosofia que se afaste do universalismo e do essencialismo, aproximando-se das nossas exigências políticas, nacionais, temporais, contingentes, e em constante renovação, é cada vez mais produtor e interessante – assim como, por consequência, o método dialético (outro aspecto comum aos jovens hegelianos e aos pragmatistas), em oposição ao estruturalismo. A filosofia feita a partir de meados do século XX parece-me querer caminhar mesmo numa direção mais

---

14. Richard Rorty, “Filosofia como ciência, como metáfora e como política”. In: RORTY, R. *Ensaio sobre Heidegger e outros – Escritos filosóficos (vol. 2)*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999, p. 41.

pragmática, na direção da filosofia, como diz Ernst Tugendhat, não da informação, mas da ação ou, usando o termo de José Crisóstomo de Souza, uma “filosofia como coisa civil”.<sup>15</sup>

## Referências bibliográficas

- ENGELS, Friedrich, Ludwig Feuerbach and the end of Classical German Philosophy. Moscow: Progress Publishers, 1969.
- HABERMAS, Jürgen, O discurso filosófico da modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- RORTY, Richard, Contingência, ironia e solidariedade. São Paulo: Martins Fontes, 2007 (Coleção Dialética).
- \_\_\_\_\_. Ensaios sobre Heidegger e outros – Escritos filosóficos (vol. 2). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- \_\_\_\_\_. “Pragmatismo”. in: Dicionário do pensamento contemporâneo. Direção de Manuel Maria Carrilho, Lisboa: D. Quixote, 1991.
- \_\_\_\_\_. “Trosky e as orquídeas selvagens”. In: MAGRO, C., PEREIRA, A. C. (Orgs.) Pragmatismo: a filosofia da criação e da mudança. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- SOUZA, José Crisóstomo de (Org.), A filosofia entre nós. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005 (Coleção Filosofia e Ensino ; 8).
- \_\_\_\_\_. (Org.), Filosofia, racionalidade, democracia: Os debates Rorty & Habermas. São Paulo: UNESP, 2005.
- STIRNER, Max, O único e sua propriedade. Lisboa: Antígona, 2004.

---

15. O termo de Tugendhat está no texto “A filosofia como exercício na universidade” e o de J. Crisóstomo de Souza em “Filosofia como coisa civil”, ambos no livro *A filosofia entre nós*, organizador: José Crisóstomo de Souza – Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.